

Canção de Coimbra foi tema de Jornadas na Queima das Fitas

O reitor da Universidade de Coimbra pediu à Academia que não perca tradições que a individualizam «e que são invejadas e copiadas por centros universitários que as não possuem».

O professor Rui Alarcão, que falava, ontem, na abertura das Jornadas sobre Tradições Académicas e Canção de Coimbra, integradas na Queima das Fitas, opinou que estes festejos devem manter o seu esquema tradicional «sem, contudo, se fecharem a inovações».

«Tradição e inovação não são antagonicas, havendo que articulá-las de modo a obter um correcto ponto de equilíbrio» — afirmou o reitor da Universidade.

«A capa e batina, por exemplo, não são trajo que deva usar-se todos os dias, mas ao qual se deverá recorrer nos momentos mais solenes ou festivos» — considerou Rui Alarcão.

Como exemplo de uma tradição que tem sabido ajustar-se aos tempos actuais, citou a canção de Coimbra, «que se mantém até pela capacidade de evolução, mesmo na qualidade das suas letras».

Ainda sobre o fado coimbrão, o estudante João Granja frisou que um dos objectivos das Jornadas é «mobilizar todas as estruturas estudantis para a sua defesa, por se tratar de um valor cultural que nos identifica em exclusivo».

Os professores Aníbal de Castro, Alte da Veiga e Teixeira Santos tiveram intervenções no mesmo sentido, defendendo a vantagem de conciliar a tradição e a evolução «sem receio do sentido pejorativo que, por vezes, é dado às melhores palavras».

«A tradição torna veneráveis os elementos de cultura que se afirmaram como valores e dela só se deve eliminar o que vá ficando desadapitado» — afirmou Aníbal de Castro.

É preciso, contudo, que as tradições se revivifiquem «incorporando valores novos que, com esta dinâmica, se tornam, também, tradição» — disse o mesmo professor.

Luis Alcoforado, da comissão organizadora das Jornadas, salientou que o longo interregno de 11 anos em que se não realizaram os festejos da Queima das

Fitas foi «muito corrosivo» das tradições académicas.

Depois de 1978 «foi necessário retomar todos os valores tradicionais e agora estamos a fazer o ponto da situação, situando os valores da Academia de Coimbra numa perspectiva actual» — explicou Luis Alcoforado.

Outro estudante, João Cunha, sublinhou tratar-se de uma questão de identidade da Academia esta de trazer a debate as suas tradições.

Nestas tradições tem havido quebras derivadas do que chamou «fenómenos de corrosão permanente».

António Portugal: intervenção pelo canto

«Os estudantes de Coimbra dos anos 60 tiveram uma intervenção efectiva através do canto nos problemas estudantis» — salientou António Portugal, no âmbito das Jornadas sobre Tradições Académicas que decorreram ontem em Coimbra.

António Portugal, membro do grupo de Guitarras de Coimbra e

um dos mais conceituados nomes daquela forma de expressão, frisou que «hoje, pelo contrário, ouvi-se um canto que não é deste tempo e que nalguns casos nem sequer procura sê-lo».

Colaborador íntimo de José Afonso e Adriano Correia de Oliveira, ligado à composição de temas como «Balada de Outono» e «Trova do Vento que Passa», António Portugal sustentou que «cada geração é sujeito do seu próprio destino» e perguntou se «os estudantes de agora querem intervir através do canto».

«Não posso acreditar que os problemas dos actuais estudantes sejam o amor e a saudade característicos dos anos 20» — observou.

Considerou louvável o esforço da juventude no retomar de determinados valores que estiveram em perigo, «mas criando e projectando para o futuro» — precisou.

Nestas jornadas, promovidas no âmbito da Queima das Fitas, a segunda parte dos trabalhos foi integralmente dedicada à canção de Coimbra, com intervenções, entre outras, de Louza Henriques, António Portugal e José Miguel Baptista.

Diá

| |
|----|
| 1 |
| 2 |
| 3 |
| 4 |
| 5 |
| 6 |
| 7 |
| 8 |
| 9 |
| 10 |
| 11 |
| 12 |
| 13 |
| 14 |
| 15 |
| 16 |
| 17 |
| 18 |
| 19 |
| 20 |
| 21 |
| 22 |
| 23 |
| 24 |
| 25 |
| 26 |
| 27 |
| 28 |
| 29 |
| 30 |
| 31 |

Organizant estudantil - Queima das Fitas